36 Carneiro E.

Ao Mui Ill. Dr. Anto. Mel. Barbosa offerece o collega e am.º Dr. Gaspar

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA.

THÉSE

DE

Ernesto Carneiro.

1864

THÉSE

QUE SUSTENTA

PARA OBTER O GRÃO DE DOUTOR EM MEDICINA

PELA

FACULDADE DA BAHIA

Ernesto Carneiro

Natural desta cidade, professor de Francez pelo Conselho de Instrucção Publica.

Toutes les sciences,dit Hume, touchent par quelque bout à la nature humaine, et si loin que l'objet de quelques-unes semble les en tenir, encore ne laissent-elles pas de s'y réunir par quelque conduit souterrain. L'esprit humain et le centre et le chef-lieu de toutes les sciencies; une fois que nous sommes maitre de cette place il nous est facile d'étendre de tous côtés nos conquêtes.

(REID *t. 3.º pag. 12.*)

BAHIA.

TYPOGRAPHIA CONSTITUCIONAL DE FRANÇA GUERRA.

Ao Aljube n. 1.

1864.

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA.

DIRECTOR

O Exm. Sr. Cons. Dr. João Baptista dos Anjos.

VICE-DIRECTOR

O Exm. Sr. Conselheiro Vicente Ferreira de Magalhães.

LENTES PROPRIETARIOS.

1.º ANNO.

OS SENHORES DOUTORES.	MATERIAS QUE LECCIONÃO.
Cons. Vicente Ferreira de Magalhães	Physica em geral, e particularmente em suas appli cações a Medicina.
Fancisco Rodrigues da Silva	Chimica e Mineralogia.
Adriano Alves de Lima Gordilho.	Anatomia descriptiva.

2.º ANNO.

Antonio Mariano do Bomfim	Botanica e Zoologia
Antonio de Cerqueira Pinto.	Chimica organica.
. . . .	Physiologia.
Adriano Alves de Lima Gordilho.	Anatomia descriptiva, sendo os alumnos obrigados dissecções anatomicas.

3.º ANNO.

. . . .	Physiologia.
Elias José Pedroza	Anatomia geral e pathologica.
José de Goes Siqueira.	Pathologia geral.

4.º ANNO.

Cons. Manoel Ladisláo Aranha Dantas	Pathologia externa.
Alexandre José de Queiroz	Pathologia interna.
Mathias Moreira Sampaio	Partos, molestias de mulheres pejadas e de meninos recem-nascidos.

5.º ANNO.

Alexandre José de Queiroz	Pathologia interna.
José Antonio de Freitas.	Anatomia topographica, Medicina operatoria e appa relhos.
Joaquim Antonio d'Oliveira Botelho	Materia medica e therapeutica.

6.º ANNO.

Domingos Rodrigues Seixas.	Hygiene, e Historia da Medicina.
Salustiano Ferreira Souto	Medicina legal.
Antonio José Ozorio	Pharmacia.
Antonio Josè Alves	Clinica externa do 3. e 4.
Antonio Januario de Faria	Clinica interna do 5. e 6.

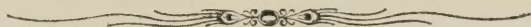
LENTES OPPOSITORES.

José Affonso Paraizo de Moura.	Secção Cirurgica.
Augusto Gonsalves Martins	
Do mingos Carlos da Silva	
. . . .	
. . . .	
Ignacio José da Cunha	Secção Accessoria.
Pedro Ribeiro de Araujo	
Rozendo Aprigio Pereira Guimarães.	
Josè Ignacio de Barros Pimentel.	
Virgilio Climaco Damazio	
Antonio Alvares da Silva	Secção Medica.
Demetrio Cyriaco Tourinho	
Luiz Alvares dos Santos.	
João Pedro da Cunha Valle.	
Jeronimo Sodré Pereira.	

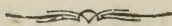
SECRETARIO—**O Sr. Dr. Cincinnato Pinto da Silva.**

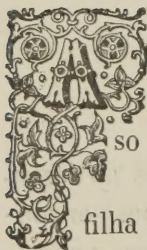
OFFICIAL DA SECRETARIA—**O Sr. Dr. Thomaz d'Aquino Gaspar.**

A Faculdade não approva, nem reprova as idèas emittidas nesta These.

RELAÇÕES DA MEDICINA COM AS SCIENCIAS PHILOSOPHICAS

A facillimis ordiamur.
(Cic. *de fin 1, 5.*)

ALGUNS preliminares julgamos essenciaes ao desenvolvimento de nosso ponto; pelo que hemos por conveniente dividil-o em tres partes: nas duas primeiras procuraremos definir a medicina, mostrar as partes de que ella se compõe, indicaremos em que accepção tomamos as expressões—sciencias philosophicas, mostraremos a legitimidade da psychologia que é a base das sciencias moraes, em que ella differe da physiologia, finalmente, depois de mais ou menos elucidarmos taes questões, entraremos mais positivamente em o ponto, que faz o objecto de nossa thése; o que constituirá a terceira e ultima parte de nosso trabalho.

PRIMEIRA PARTE.

Capitulo 1.

Medicus vir probus medendi peritus.
(BOUILLAUD *essai de philosophie medicale.*)

A medicina é a sciencia que tem por objecto o tratamento das molestias, a conservação da saude, e o progresso physico do homem.

Nascida com o primeiro soffrimento da humanidade, filha legitima do instincto de conservação, a medicina é contemporanea da propria humanidade, substituindo-se com o correr dos seculos ás tendencias espontaneas e grosseiras do instincto as luzes esplendidas da razão e da experiencia.

Da definição que abraçamos, vê-se que a medicina comprehende:

1.° A Pathologia—sciencia que trata das molestias.

2.° A Hygiene—que prescreve ao homem são os meios de que deve utilisar-se para preservar-se d'ellas.

3.° A Therapeutica—que ensina a combatel-as. Esta, quando

exige o auxilio das operações, recebe o nome de Cirurgia ou de Medicina operatoria.

4.° A Orthopedia, sciencia que tem por fim prevenir e corrigir as deformidades do corpo.

O conhecimento da Anatomia, da Physiologia e da Materia Medica ou Pharmacologia é indispensavel para a pratica da medicina: estas sciencias se reunem a medicina propriamente dita e recebem junctas o nome de sciencias medicas: a ellas liga-se o estudo e tratamento das molestias dos animaes,—é a Medicina Veterinaria.

A medicina, porém, não se estuda só nos livros; ha um livro ainda mais rico, mais sublime que de continuo deve ser folheado pelo medico; é o livro que a natureza lhe apresenta e de que é elle o unico interprete; esse livro dos livros é o proprio doente: a medicina, quando estudada ao leito do doente, chama-se Clinica.

A todas estas partes da medicina devemos accrescentar a Medicina Legal que é o complexo de conhecimentos medicos applicando-se a questões de direito, questões de que se occupa o medico, quando tem de verificar o estado de saude physico ou moral de um individuo ou reconhecer os traços que após si poude deixar tal ou tal crime.

Capitulo 2.

Na divisão geral das sciencias occupa a medicina a categoria das sciencias physicas; porem laços immensos a vinculam as sciencias historicas e moraes, constituindo-a muitas vezes um estudo mais interessante para o philosopho ou o moralista do que para o physico ou o naturalista.

Ha uma sciencia eminentemente elevada em seu objecto, sublime em seu destino, tendencia, aspiração constante do espirito

humano a sua completa regeneração; sciencia, que não é uma invenção, um sonho, um delirio da phantasia, mas uma necessidade real da humanidade, uma grande conquista do pensamento, a maior victoria do espirito sobre a materia; sciencia professada pelos maiores genios da antiguidade,amada de Thales, Platão, Aristoteles, Pythagoras, despida do manto da authoridade de que revestiu-a a Scolastica e assumindo os foros de independente á custa dos grandes esforços de Bacon e Descartes, que illuminaram-lhe o horizonte, dando-lhe o verdadeiro methodo: é a philosophia. Como todas as sciencias moraes ella basea-se na psychologia e a menor tentativa de divorcio anniquillaria uma e outras.

Não fallo da philosophia de Auguste Comte e de Littré, fallo da philosophia dos Jouffroy, e dos Cousin: a primeira, diz Chauffard, não é uma affirmação nova; mas uma adhesão renovada ás antigas profissões de fé da eschola organicista: sua essencia é o sensualismo mais decidido e o *caracter essencial do sensualismo é a negação de todas as grandes verdades, que escapam aos sentidos e que só a razão descobre*; *a negação do tempo e do espaço infinito, do bem e do mal, da liberdade humana, da immaterialidade d'alma e da Divina Providencia*.

A psychologia, a logica, a methaphysica, a moral, a esthetica e a pedagogia formam as sciencias chamadas philosophicas.

A psychologia tem por objecto o estudo d'alma e de suas faculdades.

A logica analysa as leis do pensamento e dá preceitos para dirigir o espirito.

A methaphysica é a philosophia considerada especulativamente, é a sciencia do que ultrapassa os limites da experiencia.

A moral é a sciencia dos nossos deveres.

A esthetica é a sciencia do bello.

A pedagogia é a sciencia que tem por objecto o desenvolvimento physico, intellectual e moral da mocidade.

A estas sciencias ajunta-se, constituindo o tope, o capitel do edificio philosophico, a theodicea ou religião natural; sciencia, que

expõe as provas da existencia de Deus, suas relações com o mundo e com o homem. (*)

SEGUNDA PARTE.

Capitulo 1.

LEGITIMIDADE DA PSYCHOLOGIA, DIFFERENÇA ENTRE ESTA SCIENCIA E A PHYSIOLOGIA.

Cogito, ergo sum.

(*Descartes.*)

Duas sciencias ha que estudam o homem, tomando-o como ponto de partida e remate de suas investigações: uma o considera como um ente moral, examina suas faculdades, reconhece nelle tres ordens de phenomenos—sensitivos, intellectuaes, e voluntarios, phenomenos, que são modificações de um mesmo sugeito, que é por dizel-o assim o *substratus* delles, cuja natureza o homem estuda, e cuja origem mysteriosa debalde esforça-se por descortinar; immenso barathro onde perde-se a sua razão: é a psychologia.

(*) Podemos comparar as sciencias philosophicas á uma linda pyramide cuja base é representada pela psychologia e o vertice pela Theodicea.

Outra, estuda o homem physico: analysa pelo pensamento certos phenomenos denominados funcções, cujo exame sobremodo interessa e attrahe sua attenção: é a sciencia, que Richerand chamou sciencia da vida: é a physiologia: nobre e elevada sciencia que estuda o homem desde o phenomeno mais recondito e mysterioso da geração, desde o encontro do ovulo com o licor fecundante, percorrendo todo o espaço, que váe da fecundação á morte; occupando-se em seu caminhar das funcções da vida vegetativa, da vida animal, das incomprehensiveis funcções da geração.

A digestão, a absorpção, a circulação, a respiração, as secreções, a nutrição, as funcções do systema nervoso, a ovulação, a copulação, a fecundação, a digestão, a lactação são phenomenos da physiologia.

Capitulo 2.

No *cogito* de Descartes estam assentadas as bases da sciencia do espirito humano.

Sim: é a consciencia, esta vista interior d'alma sobre si mesma, que nos revela os phenomenos do principio pensante, fazendo-nos presuppor a existencia.

De feito; não ha sentimento, pensamento, vontade, senão para o ente, que se conhece sentindo, pensando e querendo; mas a ideia de existencia é a condição sem que são inconceptiveis aquelles phenomenos.

Muitos phenomenos, porém, se passam no mundo interior, e d'elles não tem o homem consciencia; d'ahi duas ordens de factos, dos quaes uns estam sob o dominio da consciencia: são phenomenos da psychologia: outros escapam aos olhos prescrutadores da consciencia: são da alçada da physiologia, ou de outras sciencias da categoria das sciencias physicas ou naturaes.

Os primeiros escapam aos sentidos; são só, e unicamente, ob-

servados pela consciencia, illudem a subtileza dos instrumentos: os segundos prestam-se á evidencia sensivel, são observados por instrumentos, que a arte humana inventou para, augmentando o poder dos sentidos, examinal-os com mais precisão.

Os phenomenos da vida psychologica não são figurados, divisiveis, extensos, como os da vida organica.

Estes se reduzem em definitiva a figuras ou a movimentos; é, por exemplo, a disposição dos ossos, dos musculos, e dos nervos, a forma do cerebro, a circulação do sangue, a secreção da bilis.

O eu, que se conhece sentindo, que se conhece pensando, que se conhece querendo, não é o mesmo, que digere, que faz o sangue circular nos vasos, que expira constantemente, no meio em que vive, o acido carbonico e recebe o oxigenio, que vae servir para os grandes phenomenos da hematose.

O principio pensante, o eu só pode ter o caracter de pessoalidade; e uma pessoa, um individuo, (in divisus) não pode ser multiplo.

Pode-se, diz M. Benard, tirar uma parte de meu corpo; um braço, uma perna; minha pessoa não arrancarão de mim.

O corpo, continua o mesmo psychologista, em verdade, nos offerece uma especie de unidade; mas é uma totalidade, uma agglomeração, uma unidade de numero, de lugar, de harmonia entre os orgãos; unidade nas relações, e não na substancia.

A harmonia do corpo, dizia Platão, é como a de uma lyra; é um resultado, um effeito, não a propriedade de uma causa, de um principio.

O corpo organisado constantemente está a perder muitas de suas moleculas, e a receber pela alimentação novas moleculas, que vão reparar aquellas perdas incessantes do organismo; n'esse grande labyrintho de perdas e novas acquisições, n'essa perenne troca de moleculas, que Cuvier chamou turbilhão vital; o eu *psychologico* conserva-se sempre o mesmo, a despeito das constantes modificações, porque passa a substancia organisada. E' esse eu assim um, indivisivel, identico sem a concepção do qual a huma-

nidade, degradando-se, desappareceria no passado; é esse eu, digo, com seus phenomenos, que a Psychologia estuda.

São, pois, differentes os objectos dessas duas sciencias; por conseguinte são differentes a sciencia da vida e a sciencia do espirito humano.

Capitulo 3.

> Jái beau vouloir douter de toutes choses, il m'est impossible de douter si je suis. Douter et se tromper, c'est penser. Ce moi qui pense, qui doute, qui craint de se tromper, qui n'ose juger de rien ne saurait faire tout cela s'il n'était rien.
>
> (FÉNELON, *Exist de Dieu* 2.ª *part. cap.* 1.º)

A physiologia e a psychologia, diz M. A. Jacques, são distinctas, como as duas vidas, que á parelha se passam em nós, a vida do corpo, e a vida d'alma; como os productos tão dissimilhantes destas duas vidas; de um lado, por exemplo, a respiração e a digestão; do outro o sentimento e o pensamento; como seus principios separados, aqui a força fatal, que anima o organismo, acolá a vontade livre; como seus meios respectivos de investigação, os sentidos e a consciencia.

As partes do corpo e seus estados apenas são o orgão, o instrumento, a occasião, o signal das faculdades e das modificações d'alma. Ora não nos cançaremos em repetir, a interpretação do signal, a appreciação de seu valor significativo, exige a noção anterior d'aquillo que é significado.

Do que havemos expendido, se deduz como corollario forçado e necessario a legitimidade da psychologia.

Si os phenomenos do pensamento, isto é, do senso intimo, existem, si não se podem, não se devem confundir com os dos sentidos, com os organicos; a sciencia, que se occupa destes, não se pode, não se deve confundir com a que se occupa d'aquelles: mas si taes phenomenos existem, é real a sciencia que se occupa de estudar, investigar suas leis delles: esta sciencia é a psychologia.

Por maiores que sejam as tentativas da sciencia de Gall para supplantar a sciencia do espirio humano, jamais esta ultima, analysando os desvarios da phrenologia, deixará de reivindicar os seus direitos postergados. (*)

Negar a existencia da psychologia é *suicidar* a propria humanidade, negando-lhe a existencia, é negar a existencia do mundo, a existencia de Deus, a existencia de tudo; porque, ha dous seculos, já o havia proclamado o mais distincto promotor da revolução philosophica dos seculos 17° e 18°, a certeza do pensamento é o primeiro fundamento de toda certeza.

O sceptismo levado a esse excesso desmorona-se, incinera-se, aniquilla-se por suas proprias mãos. E o *sceptico*, como já disse alguem; *não pode abrir os labios sem prestar homenagem á verdade*. A negação e a duvida são a anniquillação da intelligencia; quem diz vida, diz movimento; e o movimento; é uma affirmação.

Antes de concluirmos este nosso capitulo, somos arrastados a citar as seguintes palavras, que cahiram dos labios do mais distincto philosopho contemporaneo, com referencia a este assumpto.

O estudo da consciencia, diz eloquentemente M. Courin, é o estudo da humanidade. O estudo da consciencia, no diccionario philosophico, chama-se psychologia; ora, si o homem resume o mundo inteiro, assim como o mundo inteiro reflecte a Deus, si todos os momentos da essencia divina se manifestam no mundo, e voltam para a consciencia do homem; julgai do alto lugar do homem na

(*) La phrénologie est un tissu d'assertions arbitraires, qui ne reposent sur aucun fondement réel et qu'il faut repousser du sanctuaire de la science. (J. Muller. Manuel de Physiologie de la trad. franç.—pag. 780 tit. 1.°)

creação, e por conseguinte da psychologia na sciencia. O homem é o universo em resumo; a psychologia a sciencia universal concentrada.

TERCEIRA PARTE.

Capitulo 1.

Medicina autem in philosophia non fundata, res infirmata est.

(BACON.)

De duas necessidades da vida da humanidade rebentam duas sciencias eminentemente humanitarias: ao primeiro vagido da infancia nasce a medicina; ao primeiro vislumbre da reflexão surge a philosophia; uma é produzida pela espontaneidade, outra pela razão; sendo na ordem chronologica a primeira a que tem direitos á primogenitura: é, pois, a medicina a mais antiga das sciencias: seu berço foi o mesmo berço do primeiro homem.

Houve tempo, em que a philosophia era considerada como abrangendo a universalidade dos conhecimentos humanos; era a sabedoria em fim: o philosopho nada devia ignorar: a physica, a historia natural, as mathematicas, a medicina, a moral, a theologia, a methaphysica; tudo era da alçada da philosophia: Deus, a natureza, o homem, taes os objectos da sciencia de Thales.

Correm os seculos; aperfeiçoam-se os conhecimentos humanos; tornam-se mais brilhantes as luzes da observação; classificam-se as sciencias; o horizonte da intelligencia até então obumbrado, acompanha, ampliando-se, a marcha progressiva dos seculos; e reconhece-se que uma sciencia assim concebida não era para a intelligencia do homem; era antes um sonho, um ideial; e então o nome pomposo de sabio é substituido pelo modesto titulo de philosopho: foi Pythagoras o primeiro a appellidar-se assim.

As sciencias physicas, e naturaes tomam o seu lugar; já não fazem parte da philosophia a Zoologia, a Mineralogia e a Botanica: as sciencias medicas e outros ramos de conhecimentos consideram-se á parte; estudam-se seus methodos, sua logica particulares; separam-se os ramos da arvore gigantesca; mas de tal modo, que os ultimos ramusculos ainda recebem do tronco seiva e vida.

A philosophia não deixou de participar do movimento progressivo das idades, foi pouco e pouco tomando o lugar, que verdadeiramente lhe competia, reconheceu mais razoavelmente os seus limites; e hoje, como mui judiciosamente observa Auber, é a molla central das operações intellectuaes e moraes; em summa é a sciencia geral das ideias e dos methodos proprios para adqueril-as está por conseguinte reduzida, por dizel-o assim, á logica; mas tambem, por uma especie de compensação, com tudo mistura-se, tudo anima, e como soberana, tem-se tornado de alguma sorte, em nossos dias, a ultima palavra, ou, para melhor dizer, a ultima razão de todas as cousas.

Si estudarmos as definições, que, em todos os tempos, teem dado á philosophia, demonstram-se á toda luz os laços, que prendem-na a todas as outras sciencias: ou considerem-na como o conhecimento das cousas divinas e humanas, confundindo-a com o termo sabedoria, ou, como Aristoteles a definia, a sciencia dos principios, definição que mais particularmente pertence a methaphysica; ou tomem-na pela reflexão do homem sobre si mesmo, em quanto esforça-se por conhecer-se; ou a definam o culto das ideas, ou ainda mais restrictamente considerem-na, como a sciencia, que analysa o pensamento, estuda suas leis e determina as da vonta-

de; em todas essas definições reconhecem-se claramente os pontos de parentesco entre a sciencia do pensamento e todas as mais sciencias.

E não pode ser d'outra sorte; porque a philosophia a mais liberal, a mais generosa das sciencias não pode marchar só; abraça fraternalmente todas as sciencias e animando-as com um sopro de vida, desenvolve-as, explica-as, fortifica e robustece seus methodos, esclarece seus princiçios, imprime-lhes sua forma especial, como tambem imprime no seculo e na humanidade seu matiz, sua poderosa influencia.

A medicina, pois, sciencia sobre modo sublime, sciencia que tantas e tão estreitadas relações tem com os diversos ramos de conhecimentos humanos; a medicina que,por sua philantropia, constitue os seus apostolos os parentes mais chegados da humanidade soffredora; que tão amorosamente familiarisa-se com os gemidos do enfermo; que abraçando-se com a charidade, e a religião leva a luz da esperança em qualquer lugar, em que ouve o reclamo do infeliz; não podia divorciar-se da sciencia, que tudo systematisa, tudo ordena, tudo divinisa; seus passos não seriam bem seguros, senão fossem esclarecidos pelo luzeiro da sciencia dos principios; porque a medicina não é, como diz Chauffard, uma sciencia submettida a condições desconhecidas, e sem relação com o complexo de nossos conhecimentos; é ao contrario a mais philosophica das sciencias, a mais estreitamente unida aos principios mesmos das cousas.

Capitulo 2.

Mens sana in corpore sano.

Qui soutient le corps contre la fatigue ou dans la maladie, sinon l'énergie morale? Niera-t-on les prodiges de la volonté dans des corps chétifs? L'enthousiasme et la foi n'ont ils enfanté des milliers de martyrs? (Benard.)

Psychologia.—Fallemos agora mais especialmente da psychologia: vejamos as relações que ha entre esta sciencia, base de todo edificio philosophico, e a medicina.

Si o homem é um composto de duas substancias—alma e corpo, si estas substancias estam maravilhosamente unidas, união incontestavel, porem mysteriosa, que debalde tentaram explicar o influxo physico dos Peripateticos, os Espiritos animaes de Descartes, as Causas occasionaes de Mallebranche, o Mediador plastico de Cudworth, a Harmonia prestabelecida de Leibnitz etc; não é claro que as immensas modificações d'alma devem de ter uma influencia sobre a substancia corporea, e que as modificações do corpo hão de por sua vez retumbar sobre o principio do pensamento influindo sobre elle? Certamente: e ahi vem a observação em apoio dos factos.

Este homem que, ha pouco, em esplendido salão, ao som mellifluo de harmoniosos instrumentos, ao perfume fragrante das flores, ao ruido estrepitoso da walsa vertiginosa, com soffreguidão sorvia a longos tragos o prazer, ao receber a noticia de um sinistro, que bem de perto lhe toca: a morte de um pae, de uma mãe, de um amigo etc.; eil-o em um estado diametralmente opposto, o seu semblante, onde luziam os raios expansivos do prazer, agora é a

fiel imagem das negras ideias, que toldam-lhe o pensamento; seus olhos são o echo da tristeza que lá d'entro d'alma o magôa, emfim pelo semblante se lhe traduz a alma.

Aquelle outro, por uma destas circumstancias que ainda não receberam da sciencia uma explicação satisfactoria, e que a superstição attribue a muitas trivialidades, como a influencia dos humores, dos astros, da lua, da temperatura; que a ignorancia considera, como o presagio de alguma contrariedade, e que M. Lemoine parece attribuir a sonhos máos, cuja lembrança tenha desapparecido da mente; ao erguer-se do leito, sente como que um grande peso, que, confrangendo-lhe o peito, o esmaga, sente sua alma envolta em uma tristeza que elle não explica e que appellida simplismente—*máu humor*.

Suas palavras, suas acções, os movimentos de seu corpo, a inflexão de sua voz, tudo resente-se d'aquelle estado.

Mas quem vae arrancar alma d'este homem das mãos crueis do monstro desconhecido, que o opprime? Quereis sabel-o? E' muita vez uma destas noticias agradaveis, que fazem a alma achar amesquinhados os limites do corpo para manifestação d'ellas.

Taes os pontos que prendem a Physiologia á Psychologia, o pensamento á vida, o espirito ao corpo.

E sabe-se o papel importante da physiologia na medicina.

Por outra parte, os males do corpo, as doenças, que grande influencia não teem sobre os phenomenos do pensamento? Pode ser placido o pensamento de uma alma a braços com uma enfermidade que poderosamente tende a desmoronar o edificio a que foi fadada pela Providencia a associar-se?

Estudemos algumas alterações, que se apresentam do lado da intelligencia, em um individuo acommettido por algumas molestias agudas: por exemplo: por uma febre typhoidea; com effeito; que vemos? A attenção do doente com difficuldade fixa-se sobre um objecto; elle a custo concebe as perguntas, que lhe dirige o medico; lembra-se com imperfeição do que o prostrou no leito; suas respostas são lentas e obscuras; as linhas de sua physionomia não estam em harmonia com os objectos, que o cercam; ha o que quer que seja de insolito no seu olhar; tem uma ideia confusa do que se passa

em derredor de si; do lugar em que está; das relações com os circumstantes; seus olhos não teem expressão; a estupidez, um indifferentismo de morte está diffundido sobre todo o seu semblante.

Em algumas molestias nervosas, que immensas não são as aberrações das faculdades intellectuaes e affectivas?

E' uma senhora, que vae ser assaltada por um attaque de hysteria: ora vereis, como preludio do drama terrivel, que vae começar, um riso não motivado, uma alegria em completo desaccordo com as circumstancias actuaes; ora um pranto, e lagrimas, casando-se ou extremando-se estas duas ordens de phenomenos.

E' a hypochondria ou a mania e vereis o doente ter a maior aversão para as pessoas, que lhe eram mais affeiçoadas—seus paes, seus parentes, e amigos, as prendas mais queridas de seu coração.

Não se tem visto, sob a influencia de uma excitação cerebral, produzida por um parto mui doloroso, algumas mães aliás prototypos de virtude, symbolos de amor e candura, aborrecerem-se de seus proprios filhos, repellirem-nos e até entregarem-se a actos de crueldade, que não teriam justificação possivel, n'outras circumstancias, testimunhando-lhes uma anthipathia, que é um verdadeiro contraste das ternuras, que poucos momentos antes pullulavam de seus corações affectuosos?

Não se tem observado alguma das faculdades d'alma perder-se nas grandes enfermidades? A memoria, esta faculdade inexplicavel do passado, que quasi exclusivamente unida a imaginação entra como actriz, nas variadas scenas do drama mysterioso dos sonhos, não depende tanto das condições da substancia corporea?

Ha casos, diz Chomel, *em que, sob a influencia de lesões cerebtaes, a memoria profundamente attacada, não fornece mais ao doente as palavras necessarias para expressão de suas ideias; elle não se lembra mais senão dos termos geraes, taes como os adjectivos, que exprimem qualidades communs a um grande numero de objectos, e se esquece da maior parte dos substantivos, que designam objectos particulares.*

O medo, o terror, as paixões deprimentes, a miseria e todas as impressões moraes não são consideradas pelos Pathologistas,

como causas predisponentes de molestias? A observação não mostra que quando, em um campo de batalha subito se desenvolve uma epidemia, de ordinario são os vencidos as victimas mais numerosas?

E tudo isso não nos diz a união da pathologia com a sciencia do pensamento, por conseguinte da Medicina com a philosophia?

Sim: digamol-o ainda.

O medico, pois, não deve ignorar estes factos. Convencido de que a boa medicina não é a que só se occupa do que é material; terá muitas vezes de curar o corpo pela alma. E então que perspicacia, que tino não convem ao filho de Hippocrates para entrar no sanctuario d'alma, n'este mundo maravilhoso que só podem prescrutar os olhos attinados do medico psychologista?!....

Citemos para rematar esse nosso capitulo as eloquentes palavras de M. Bouchut:

Le médecin est la personnification de deux idées appartenant, l'une à l'ordre abstrait et moral et l'autre à l'ordre matériel. Partout où il se présente ces deux idées sont en présence parce que devant lui se trouve la nature corporelle, dynamique et morale de l'homme. Comme philosophe et comme médecin, il les oppose constamment l'une à l'autre dans l'intérêt de l'humanité et celui qui ne songe qu'aux effets matériels supprime l'âme de son oeuvre et ce qui l'élève audessus de toutes les sciences rivales (Bouchut Path. géné, pag. 391.)

Capitulo 3.

> Des études sans ordre et des méditations obscures troublent les lumières naturelles, et aveuglent l'esprit.... quiconque s'accoutume à marcher ainsi dans les ténèbres, s'affaiblit tellement la vue, qu'il ne peut plus supporter le grand jour.
>
> (*Descartes.*)

Logica.—*Não ha nada mais estimavel do que o bom senso e a exactidão do espirito no distinguir a verdade da falsidade. Todas os*

outras qualidades do espirito teem usos limitados; porém a exactidão da razão é geralmente util em todas as partes e em todos os empregos da vida. Assim se exprime o sabio Nicole no 1.º discurso de sua logica.

Si é incontestavel essa observação, si a medicina é uma sciencia nimiamente difficil, em que tudo parece fugitivo e duvidoso, em que um mesmo tratamento aliás poderoso para debellar uma molestia, muitas vezes illudindo o medico na sua faculdade de generalisar, torna-se improficuo e, o que mais é, contra indicado na mesma molestia, em outro individuo, ou no mesmo individuo, em circumstancias diversas; não é evidente que a exactidão da razão é uma qualidade do espirito sem a qual o medico perder-se-hia no labyrintho de symptomas de que se reveste a entidade morbida, aventurar-se-hia a navegar sempre em um mar de conjecturas, de hypotheses desvairadas e que afinal remataria no scepticismo, ultimo brado de desesperação da sciencia?

Mas que é que dá a exactidão ao espirito, que é que tudo coordena, tudo methodiza nas sciencias? E' a logica, *esta arte que reune as partes de um todo e d'estas partes forma um todo regular; é a logica sem a qnal podem existir as materiaes de uma sciencia; mas não a propria sciencia.*

A medicina, como todas as sciencias, tem seu methodo particular; mas o methodo da observação medica pode separar-se dos dous grandes processos do methodo—a analyse e a synthese?

Pode o medico prescindir de definições logicas, divisões e classificações? Que perspicacia não exige a medicina na faculdade de generalisar e no methodo synthetico? Si nas outras sciencias a synthese deve emanar de uma boa analyse, nas sciencias medicas principalmente não é que se notam os perigos de uma synthese, que teve por origem uma analyse imperfeita? Não é d'ahi que nasce essa alluvião de hypotheses, que tantas vezes tem entorpecido os passos de uma sciencia tão ligada aos interesses da humanidade?

Certo; a sciencia do *judicium difficile ie* não pode desligar-se da sciencia das leis e das formas do pensamento.

O que em medicina chama-se tino medico, esse *quid*, que pa-

rece no medico constituir outro medico não é senão a logica, illuminando, por uma inspiração a razão e o genio do medico.

E' a logica, diz Auber, que nos ensina a raciocinar, ella é que imprime aos trabalhos do espirito a direcção que lhes convem; que nos inicia nas regras da linguagem, que tem uma relação tão intima com o pensamento, que uma pode-se dizer reflexo do outro; é em fim a logica que por meio de seus processos e methodos admiraveis, a analogia e a inducção, a analyse e a synthese, esclarece a razão, dissipa os preconceitos, destroe os erros e impede principalmente que uma sciencia usurpe os direitos de outra, e tome, por conseguinte um vôo superior a seus principios e por isso mesmo incommodo e perigoso para a constituição geral do todo do edificio.

Capitulo 4.

> **Toute la philosophie est comme un arbre dont les racines sont la méthaphysique.**
>
> (DESCARTES, *pref.*)

Methaphysica.—Si, na esphera especulativa, o conhecimento dos principios é essencial para a constituição do monumento scientifico; porque a sciencia separada dos principios, segundo Platão, degenera em rotina; é certo tambem que a medicina não pode deixar de ter a sua methaphysica, não pode considerar-se absolutamente separada da sciencia dos principios.

Digam o que disserem, diz Chauffard, em sua obra de pathologia geral, *tudo está submettido as leis eternas das cousas, leis, que recebem o nome de philosophia. Nada pensamos, nada fazemos, senão á sua luz.*

O medico, mal ou bem de seu grado, submette-se a essas leis, e isto, em cada pagina de uma descripção morbida, em cada estudo cli-

nico, em cada determinação therapeutica motivada. Todos curvam-se a suas exigencias communs, com a differença de que uns cedem a taes leis, como cegos, caminhando á ventura, atraves de incessantes contradicções; outros procuram ter consciencia do trabalho, que cumprem e invidam seus esforços para comprehender as condições essenciaes, a razão primeira deste trabalho.

Em cada conhecimento scientifico real, diz ainda o Pathologista, a quem me refiro, *ha sempre dous elementos: um immutavel, absoluto, necessario; outro movel, contingente, phenomenal; o primeiro, emanação activa do entendimento, e achando no segundo sua forma de applicação, sua realidade no tempo e no espaço; o ultimo fornecido pela sensação e experiencia, materia, sustentaculo exterior do conhecimento; mas não nos dando senão, ao sopro do absoluto, sua razão de ser, sua essencia, seu valor e sua importancia no complexo das existencias.*

E, pois, aquelle primeiro elemento immutavel, absoluto a razão tira de sua propria essencia; elle constitue a base de todas as sciencias: estas verdades primeiras, estas verdades necessarias, esta synthese racional, que tanto exalta a philosophia especulativa é a base de todas as verdades, e a primeira arma contra o scepticismo.

Só estas verdades, continua o Pathologista ja citado, nos permittirão dissipar todos os preconceitos sensualistas de tanta voga entre nós, e proclamados, como a philosophia de nossa sciencia; só estas verdades nos libertarão do pesado fardo de hypotheses e de explicações grosseiras, que nos acabrunham, só ellas estabelecerão a medicina sobre o terreno de suas verdades della e afastarão as innumeras usurpações que são levantadas por espiritos desordenados.

Capitulo 5.

MORAL, ESTHETICA E PEDAGOGIA.

> **Les principes moraux ne nous paraissent jamais d'une sainteté et d'une beauté plus imposantes que quand on nous les fait embrasser dans leur application à tous les rangs à toutes les relations, à toutes les affaires de la société humaine.**
>
> (*Reid. 16°. pag. 314.*)

Moral e Esthetica.—Separae a medicina da moral, e vós tirareis della toda aquella sublimidade, que levou os antigos a julgarem-na de origem divina.

De feito; que achareis, no mundo, mais sublime do que a sympathia, este sentimento, que faz uma só familia de toda a humanidade?

Pois bem; uma das origens da medicina foi esse sentimento tão bem descripto por Adam Smith. Que de mais divino do que a charidade? E' a charidade a virtude, que nunca deve abandonar o medico; é a seu reclamo, que muitas vezes o sacerdote da vida, cedendo sacrifica seus commodos, seu repouso, levado pelo bem da humanidade soffredora; e a dedicação do medico levada a enthusiasmo, a heroismo, não é o que em medicina pode-se chamar o bello? E' pois claro que a sciencia de Hippocrates prende-se tambem á sciencia do bello, a esthetica.

As qualidades moraes, diz Renouard, não se devem seques-

trar do coração do medico: a candura, a franqueza, a justiça a humanidade, o desinteresse, eis suas virtudes. Sem moralidade a arte mais bemfaseja não passa de um instrumento de decepção, d'uma arma perigosa entregue a mãos pouco seguras.

O espirito medico é essencialmente social e civilisador; é este espirito, que, sob o bello nome de Humanidade, tende cada vez mais a prevalecer sobre os sentimentos, muito nobres, é verdade; mas muitas vezes exclusivos de patriotismo e de nacionalidade. A grande obra da reunião da familia humana, que a religião e a poesia começaram, hade acabar-se pela sciencia, e pela sciencia mais directamente consagrada á conservação, ao melhoramento, á propagação e por conseguinte ao bem estar physico e moral da especie; pela sciencia que semelhante a religião, apodera-se do homem desde seu berço e o acompanha até o tumulo e alem do tumulo, pela Medicina. (Peisse.)

Pedagogia.—Si a pedagogia comprehende ao mesmo tempo a educação physica, intellectual e moral: si o medico pelo conhecimento da orthopedia, corrige as deformidades do corpo, pela hygiene, sciencia eminentemente social, bussola, que muitas vezes é invocada pelo paiz para orientar o legislador, elle aprende a usar com proporção dos modificadores da economia; si ainda por esta sciencia, que na phrase de Londe, não tem só por fim conservar a saude, mas dirigir os orgãos no exercicio de suas funcções, aprende os meios mais efficazes para o desenvolvimento do corpo: é ao medico que é dado a educação physica da mocidade; e si a esses conhecimentos fornecidos pelas sciencias que mais particularmente entram no quadro das sciencias medicas reunem-se os conhecimentos da philosophia, a elle e só a elle é dado formular as bases mais razoaveis para o desenvolvimento physico, intellectual e moral da mocidade; afim de que o problema da educação, resolvendo-se, se torne uma realidade, uma verdadeira sciencia.

Tenhamos fé no futuro: esperemos da succesão dos seculos os immensos beneficios, que trará á humanidade a medicina, que tão rica de palmas, colhendo novos louros, á luz da obser-

vação racional, confraternisando-se com a philosophia, tornar-se-ha a mais nobre, a mais util das sciencias; porque seus interesses, seus progressos se confundem com os interesses e progressos da propria humanidade.

As sciencias são filhas de uma mesma origem, todas tendem ao absoluto, ao immutavel, a unidade; todas tendem a confundir-se n'aquella Unidade Eterna d'onde provem: podem seus interesses ser oppostos, bem como os interesses dos homens; mas ellas não se contrariam, todas tem um fim commum—Ennobrecer o homem, glorificando a Deus.

SECÇAÕ MEDICA.

COMO OBRA O SULFATO DE QUININA NAS FEBRES INTERMITTENTES?

PROPOSIÇÕES.

1.ª—Uma febre, cessando e reapparecendo, em intervallos regulares, chama-se intermittente.

2.ª—As febres intermittentes attacam especialmente o systhema nervoso super-excitando-o.

3.ª—As irregularidades, os caprichos immensos, que se notam n'essas febres, de algum modo corroboram essa proposição.

4.ª—A observação de muitas nevroses nos lugares pantanosos, sendo debelladas pelos mesmos meios empregados contra as intermittentes alli endemicas, ainda vem confirmar a verdade d'aquella asserção.

5.ª—Os miasmas paludosos sós, ou unidos a certas condições geologicas, ainda não bem determinadas, são as causas mais communs das febres intermittentes.

6.ª—O elemento paludoso é certamente a mais poderosa causa a attender-se na etiologia das intermittentes.

7.ª—Uma impressão moral viva, uma certa especie de alimento fazem muita vez desapparecer maravilhosamente um movimento

febril intermittente; observação, que ainda leva o espirito do medico a considerar as intermittentes como attacando o systema nervoso.

8.ª—A saude de que, no discurso da apyrexia, gozam os individuos acommettidos pelas febres intermittentes, não se explica admittindo-se que taes molestias dependem da intoxicação do sangue.

9.ª—O sulfato de quinina é o primeiro medicamento preconisado pelo medico, quando trata de debellar uma febre intermittente.

10.ª—A observação d'aquelles, que dizem que o sulfato de quinina, nas febres intermittentes, vae neutralisar os miasmas, é insustentavel, perante a observação reflectida dos factos.

11.ª—O sulfato de quinina, nas intermittentes, actua, como hyposthenisante do systema nervoso.

12.ª—Tem-se visto um movimento febril intermittente manifestar-se após a introducção de uma tenta no canal urethral; e poder-se-ha, n'este caso, sem incorrer em um erro gravissimo, dizer que houve intoxicação do sangue?

13.ª—A improficuidade do sulfato de quinina no tratamento da cachexia paludosa é para nós uma prova incontestavel de que esse agente therapeutico não cura tonificando.

14.ª—O sulfato de quinina é, pois, em sua acção contra as intermittentes, semelhante ao arsenico, tão empregado por Boudin na cura d'esta enfermidade.

SECÇAÕ CIRURGICA.

DO CENTEIO ESPIGADO E SUA APPLICAÇÃO EM OBSTETRICIA.

PROPOSIÇÕES.

1.ª—O esporão de centeio não é senão uma alteração do grão do centeio produzida por um cogumello parasita denominado por Leveillé-sphacelia sagetum.

2.ª—Essa degenerencia do centeio tem sido considerada por uns como resultado da picada de certos insectos, por outros como ligada a certas condições atmosphericas.

3.ª—Tem-se observado que os terrenos pouco ferteis e humidos, as grandes chuvas são circumstancias favoraveis ao desenvolvimento do sphacelia sagetum.

4.ª—O centeio espigado emprega-se em pó, decocção, infusão, extracto aquoso, extracto alcoolico, tintura etherea e xarope.

5.ª—Quando a dose do centeio é muito elevada, ha nauseas, vomitos, dilatação das pupillas, vertigens, cephalalgia, modorra.

6.ª—A acção d'este medicamento sobre a parte inferior da medulla espinhal o tem feito applicar na paralysia do recto, da bexiga, na fraqueza e paralysia dos membros inferiores.

7.ª—O centeio espigado administrado por mãos pouco seguras tem produzido gravissimos accidentes e até a morte.

8.ª—Nenhuma acção d'este medicamento é mais reconhecida do que a que elle exerce electivamente sobre o utero.

9.ª—As contracções uterinas se manifestam 8 a 20 minutos após a administração do medicamento; a duração, porém, da acção do centeio varia de meia hora a hora e meia podendo em alguns casos ser maior ou menor.

10.ª—Essas contracções são vivas, longas e permanentes, não apresentando a intermittencia das contracções naturaes.

11.ª—Todas as vezes que para a expulsão do menino ha apenas necessidade de contracções uterinas sufficientes é indicado o centeio espigado.

12.ª—Quando o trabalho ainda não tem começado, quando o parto pode fazer-se pelos unicos esforços naturaes, quando existem obstaculos physicos ou dependentes da mulher ou do menino, é perigoso o uso d'esse agente therapeutico.

13.ª—As mulheres plethoricas, que apresentam signaes de congestão para o cerebro, com dureza e plenitude no pulso, as demasiado irritaveis, as que, em partos anteriores, teem soffrido de metrite são outras tantas contra-indicações ao emprego do centeio espigado.

14.ª—Quando o medico vir que o parto não será prompto, deve abster-se da administração d'esse agente.

15.ª—O centeio espigado é um meio poderoso, nas menorrhagias puerperaes ou não puerperaes, nas leuchorreas; e segundo Sparjrani nas congestões uterinas que as mais das vezes tornam-se o ponto de partida de phlegmasias chronicas do utero.

16.ª—O centeio espigado é tambem indicado para impedir os progressos de uma hemorrhagia, que se liga a presença da placenta, quando o medico collocando a mão sobre o hypogastrio não sente a contracção do utero acima do pubis.

SECÇAÕ ACCESSORIA.

THEORIA DA RESPIRAÇÃO VEGETAL.

PROPOSIÇÕES.

1.ª—As plantas, pelos stomatos de suas folhas, e pelas raizes, absorvem o acido carbonico, que existe na atmosphera, e o que penetra no solo dissolvido nas aguas pluviaes.

2.ª—As folhas e as partes verdes do vegetal decompoem o acido carbonico, ao influxo da luz do sol.

3.ª—As plantas fixam o carbono do acido carbonico, e expiram o oxigenio.

4.ª—Ha uma correspondencia harmonica entre o vegetal e o animal; ao passo que o ultimo, pela expiração, constantemente lança no meio da atmosphera uma quantidade de acido carbonico; o primeiro, decompondo esse agente, apropria-se do carbono, e restitue ao homem o exigenio, que lhe vae dar vida.

5.ª—A elaboração do liquido nutritivo do vegetal produzida pela acção decomponente das partes verdes chama-se respiração vegetal.

6.ª—Na obscuridade, ou á noite, as plantas, exhalam acido carbonico, e absorvem oxigenio.

7.ª—O acido carbonico exhalado pelas plantas; durante a noi-

te, não resulta de alguma combinação que se dê em seus tecidos; é um phenomeno meramente physico.

8.ª—A absorpção do oxigenio durante a noite é um phenomeno chimico, que tem em resultado a modificação na composição dos principios do vegetal.

9.ª—As folhas das plantas são o theatro, onde se dão os phenomenos mais importantes da respiração vegetal.

10.ª—Alem do acido carbonico e do oxigenio, que as folhas e todas as partes verdes do vegetal absorvem, a planta inspira tambem ar atmospherico.

11.ª—Alguns vegetaes, por causas ainda não bem determinadas, bem que ao influxo da luz solar, expiram somente azoto.

12.ª—As petalas e os estames da flôr absorvem oxigenio, e desprendem acido carbonico durante o dia ou á noite.

13.ª—Observa-se o mesmo phenomeno na semente desde seu primeiro desenvolvimento; aqui tudo é chimico, o carbono do vegetal combina-se com o oxigenio que foi absorvido.

14.ª—A respiração vegetal se excuta nas cavidades intercellulares (lacunas, meatos, vesiculas pneumaticas) que correspondem aos stomatos, imprimindo o ar á seiva alli depositada as qualidades de liquido nutritivo da planta.

HIPPOCRATIS APHORISMI.

1.°—Vita brevis, ars longa, occasio praeceps, experientia fallax, judicium difficile. (Sect. 1.ª Aph. 1.°)

2.°—Ubi somnus delirium sedat, bonun. (Sect. 2.ª Aph. 2.°)

3.°—Vulneri convulsio superveniens, lethale. (Sect. 5.ª Aph. 2.°)

4.°—Ab ileo vomitus, ant singultus, aut convulsio, aut delirium, malum. (Sect. 7.ª Aph. 14.)

5.°—Hydropicum si tussis habeat desperatus est. (Sect. 7.ª Aph 47.°)

6.°—Ad extremos morbos, extrema remedia exquisite optima. (Sect. 1.ª Aph. 6.)

Remettida a commissão revisora. Bahia e Faculdade de Medicina 27 de Agosto de 1864.

Dr. Gaspar, Secretario interino.

Revista em 20 de Setembro.

C. Valle Junior.

Esta these està conforme aòs estatutos.
Bahia 24 de Setembro de 1864.

Dr. Luiz Alvares
Dr. Alvares da Silva.

Imprima-se, Bahia era et supra.

Dr. Baptista.

BAHIA—TYP. CONTITUCIONAL DE FRANÇA GUERRA.—1864.